



Fundação Cuidar o Futuro

Lurdes Pintasilgo:

quem foi, quem é, que pode esperar-se dela



Tem 49 anos, estava na UNESCO como nosso embaixador, já pertencera a Governos Provisórios: subitamente, o Presidente da República indigitou-a para Primeiro-Ministro de um precário Governo de gestão e as pessoas descobrem à boca do Verão que nada sabiam de substancial sobre esta mulher que os amigos classificam como afável, competente e carismática. Engenheira química diplomada pelo IST, católica praticante confessa, tudo nela é um misto (inesperado) de tentada eficácia e crença pertinaz em forças que se situam muito além do homem quotidiano. Mística, Maria de Lurdes Pintasilgo? Eis o que pode falsear um perfil para o ano dramático de 1979, marcado pela crise energética e pela desdramatização da função papal, para só citarmos dois vectores recentes deste último e crucial quarto de século. Mulher de acção, a todo o preço? A ilusão pode sair cara: são 100 dias, pouco mais, que ela vai estar activa no minipalacete de São Bento. Mas os amargos de boca de um IV Governo Constitucional pior que a encomenda fazem da activista do Graal uma pessoa de esperança, uma imagem de tempos novos e justos. «O Jornal» procurou, em jeito de «puzzle», reconstituir aqui o rosto de Maria de Lurdes Pintasilgo, tentando contar o que ela foi, apontar como é e deduzir o que talvez venha a ser (e a pôr em prática) até Outubro — pelo menos...

Uma mulher sem rótulos

Fundação Cuidar o Futuro

José Silva Pinto

«Difícilmente vejo alguém ser inimigo de Maria de Lurdes. Por isso me espanta a campanha que contra ela tem sido conduzida, nos últimos dias...». Quem isto me diz é um velho conhecido e amigo da primeira mulher que em Portugal foi escolhida para chefiar um Governo, que desde o princípio desta semana está a procurar formar, com a «capacidade de dinamização, entusiasmo e comunicabilidade» que dela fazem uma personalidade verdadeiramente excepcional, não só no nosso acanhado meio, mas também nos círculos internacionais que frequenta desde muito nova.

S., o amigo, fala-me com entusiasmo desta sua antiga colega no Técnico, evoca sua parte de «raciocionar fora das ideias feitas», que mesmo na conversa mais comum é sempre capaz de «trazer ideias que fazem ver mais fundo», sublinha seu «gosto pelo trabalho em equipa», salienta sua «visão universal do mundo em que vivemos», ou «o optimismo e alegria que respira e é capaz de insuflar nos que com ela trabalham».

Exageros? Não creio: não é o es-

tilo de S., um homem que ainda não há muitos anos ocupava lugar cimeiro numa organização católica de âmbito nacional. Favores de alguém que passou pelos bancos da mesma escola de Lisboa? Não acredito. Mas, mesmo que S. exagerasse, haveria o testemunho daquela figura da UNESCO que, prestando homenagem a Maria de Lurdes Pintasilgo, dela dizia, há dias, que possui um carisma capaz de fazer mil amigos por minuto...

Quem é, pois, esta mulher de 49

anos cujo invulgar apelido é ainda mais fora do comum, por se escrever apenas com um «s»? Dela se sabe que nasceu em Abrantes. De seu avô, Jerónimo Matos, «o Pintasilgo», pequeno industrial de lanifícios na Covilhã, herdaria o apelido, nascido de uma alcunha (como frequentemente acontece por essa província fora), homenagem aos trinados que tirava do assobio e à sua veia de poeta popular.

Do pai, Jaime de Matos Pintasilgo (nome assim consagrado em certidão de nascimento, só com um «s», talvez por erro da escriturária), herdaria, igualmente, o feito comunicativo, a alegria de viver. Da mãe, Amélia do Carmo Ruivo da Silva, ficaria-lhe a pendor religioso, que nela é algo de «fisiológico», indissociável da sua maneira de estar no mundo.

De Abrantes, cedo veio para Lisboa, com a mãe e o único irmão, José Manuel, que se tornaria jornalista, hoje subchefe da Redacção do semanário «Tempo». Foi um tio

materno, major do Exército, quem se encarregou da educação dos sobrinhos. Uma educação rígida, almoço à uma, jantar às sete, em ponto. O futuro jornalista brincava com soldadinhos de chumbo. Maria de Lurdes pouco se dedicava às bonecas: preferia ler. Charlotte Bronte, Pearl Buck, os principais autores portugueses. Apesar das tendências literárias, aliás patentes na forma como escreve, cedo Maria Lurdes decidiu que seguiria um curso de Ciências, por ser mais difícil para as mulheres do que para os homens. Na hora da decisão, tinha apenas 11 anos.

Fez o liceu, no Filipa de Lencastre, com fama de melhor aluna da escola. Depois, o Técnico. Aos 22 anos era engenheira químico-industrial, com média final de 18 valores. Desde muito cedo ligada a Acção Católica, foi presidente da JUCF (Juventude Universitária Católica Feminina). Logo aí começou uma carreira internacional, que a levaria a tornar-se, rapidamente, a primeira portuguesa presidente da



M.L. Pintasilgo, aos 28 anos
Engenheira, com 18 valores

Pax Romana, uma organização fundada em 1921. «Reuniões internacionais ou regionais sobre a vida apostólica, a missão da Universidade, o apostolado intelectual, arte moderna, problemas da empresa, responsabilidade política, energia nuclear, medicina e direito, a Universidade como centro de cultura — são alguns exemplos de uma actividade intensa e fecunda», como o descreve a própria Maria de Lurdes Pintasilgo, em artigo publicado no número de Março de 1958 do «Encontro», jornal universitário católico, em que colaboraram alguns futuros «cérebros» deste país. «Pax Romana» — continuava M. L. Pintasilgo — tem colaborado no estudo de vários problemas postos pela ONU, como as medidas discriminativas, a condição da mulher, os problemas demográficos, os direitos do homem, as questões sociais».

«Ela visa muito alto...»

«A Maria de Lurdes está sobretudo interessada na edificação de

uma sociedade muito difícil de construir» — explica-me ainda S. — «Ela visa muito alto, o ultrapassamento de soluções precárias, a procura de algo para além do que já existe». Mas tudo isto a partir de um conhecimento muito concreto da realidade — e sempre numa perspectiva cristã. Escrevia ela, no mesmo artigo de 1958: «... Quando em Lisboa ou em Nova Iorque, em Manila ou Achimota, um universitário católico, consciente da sua responsabilidade de católico e da sua missão apostólica, se debruça sobre os problemas dos seus companheiros de estudo e lhe procura a solução mais plenamente humana, ou analisa profundamente os problemas sociais e culturais do seu tempo e do seu país, na perspectiva dum catolicismo vivo e profundo, inserido numa competência técnica de primeira qualidade — então esse estudante está já, talvez sem o saber, a viver do ideal de Pax Romana. Porque é nesse esforço árduo e exigente da inteligência a exercer-se sobre os grandes problemas do homem e da sociedade, nessa angústia positiva e actuante da salvação dos outros, nessa luta serena mas constante pela cristianização da Universidade — é que Pax Romana se enraíza a sua própria vida».

Da Pax Romana saíam algumas grandes figuras da Cultura mundial, como Veronese, que foi o primeiro director-geral da UNESCO, ou Ruiz Gimenez, um universitário famoso em toda a Espanha. Daí que não seja de espantar que, com seu profundo traquejo internacional, também Maria de Lurdes Pintasilgo tenha alcançado além fronteiras um nome e uma projecção que a fazem apreciada de personalidades como o antigo presidente do México, Luís Echeverría, tal como ela, membro, a título pessoal, do conselho executivo da UNESCO, para o qual foi eleita com os votos de 123 países. Daí também que não admira demasiado vê-la tornar-se o alvo (difícil, co-

mo suponho que em breve se verá...) dos nossos pigmeus da política de trazer por casa, mais apetrechados para o «slogan» do que para a acção... (Enquanto, entre nós, ela é alvo de uma campanha soez, da Itália chegou-lhe o abraço de felicitações de uma democrata-cristã — a responsável pelo Ministério da Saúde...).

Também no Graal — outra organização católica internacional, esta abrangendo mulheres de todas as condições sociais — Maria de Lurdes Pintasilgo atingiria as máximas posições.

A sua maneira de ser impele-a para uma prática política subordinada ao que se pode considerar a não violência activa. Talvez por isso, ao longo da vida, esteve próxima dos movimentos dos católicos progressistas, sem contudo neles participar directamente. Ela sabe que a opção política de um cristão tem de ser pelos pobres — e que os pobres, actualmente, são sobretudo, os homens, as mulheres e as crianças do Terceiro Mundo. É porventura por isso que desde há muito se tornou advogada da teologia da libertação, isto é, a «emão Leonard Boff. É que entre as figuras que mais preza se contam homens como D. Hélder Câmara e Paulo Freire (foi, aliás, o Graal que introduziu em Portugal o método Paulo Freire para aprendizagem de leitura, na década de sessenta, no distrito de Portalegre).

Pontes para o diálogo

Psicologicamente liberta, ela escapa a todos os rótulos. Meloantunista? Marxista? Terceiromundista? São palavras. No Verão passado, num «brain storming» realizado em Lisboa, enquanto os outros participantes alinhavam problemas relativamente fáceis, Maria de Lurdes Pintasilgo fazia uma análise global de sociedade, não tanto na busca de soluções novas para os problemas que afligem a humanidade, mas sobretudo com o fito de dar um sentido novo ao que já existe.



Maria de Lurdes Pintasilgo, aos 49 anos
Um feito comunicativo, uma grande alegria de viver

Fundação Cultural

No que diz respeito aos equipamentos domésticos, por exemplo. Dizia ela, em substância: se cada uma das famílias hoje existentes no mundo pudesse ter um frigorífico, uma máquina de lavar roupa, um fogão, um automóvel, enfim os benefícios comuns da civilização moderna, nem todo o ferro existente no planeta chegaria para os fabricar... Por isso, sendo certo que todos os homens têm direito a esses benefícios, bom seria que fôssemos pensando em criar um tipo novo de solidariedade, capaz de levar as pessoas a prescindir do seu equipamento individual, para o colocar ao serviço dos outros, em associações de moradores, em estruturas de base cimentadas num largo espírito de entreajuda.

Serão estas ideias, este tipo de visão mais largo, esta crença na solidariedade humana, aquela que, numa Pres. um homem (Luzia?) sem dúvida capaz de tiradas oratórias brilhantes, chamava de «neogonçalvismo rococó de saias»? Ou serão, antes, a manifestação de um optimismo que não impede que se sofra com todos os problemas que no mundo representam opressão?

Os que conhecem Maria de Lurdes Pintasilgo sabem que ela não discute de forma a cortar o diálogo. Pelo contrário, são unânimes em frisar que sempre procura pontes que alimentem o raciocínio e o prazer do diálogo. A sua grande criatividade intelectual faz com que fale de todos os grandes problemas universais como um «gourmet» aprecia um «pâté de lièvre» ou um bom vinho francês, ou como um apreciador de pintura descreve um quadro que acabou de ver no Prado ou na National Gallery. É desse modo apaixonado, crítico e criador ao mesmo tempo, que ela discute, por exemplo, os problemas da nova ordem internacional: é verdade que americanos e soviéticos, os «partidos» dos dois blocos antagónicos, se entendem perfeitamente, por exemplo, no que diz respeito ao comércio internacional... E os mais pobres? Não será necessário lutar por um «ultrapassamento» do status quo, capaz de evitar que sejam sempre estes a perder?

Maria de Lurdes Pintasilgo é o que se pode considerar uma pessoa pública por excelência. «Não me

lembrar de a convidar para um piquenique, com a minha mulher e os meus filhos...» — diz-me S.. O «hobby» desta mulher verdadeiramente fascinante, que os portugueses se habituarão a conhecer melhor, nos próximos três meses — os seus «cem dias» —, é o que se passa no mundo e na Igreja.

Católica, é-o de uma ortodoxia absoluta. Seu pensamento e sua maneira de ser, de modo nenhum se podem considerar ligados a manifestações de carácter contestatário. O cardeal Cerejeira, sempre desconfiado em relação a tudo o que pensava que pudesse ser comandado do estrangeiro, como as ordens religiosas, por exemplo, diferiu durante muito tempo a autorização do Graal em Portugal, mas nunca Maria de Lurdes Pintasilgo desistiu de lutar por ela. E, ainda agora, antes de aceitar o convite do Presidente Eanes, uma das três pessoas, com quem se aconselhou foi o cardeal António Ribeiro.

Saúde frágil

«É talvez a mulher com saúde mais frágil que conheço, mas nunca a vi com ar doente. Ao contrário, sempre evidencia um gosto de viver extraordinário...» — confidenciam-me.

Na juventude, alguns rapazes se interessaram por ela, mas talvez se tenham atemorizado com a sua forte personalidade. Chegou mesmo a gostar de um deles, mas, afinal, o seu destino era outro. E ficou solteira. Nem tia é, pois o irmão, de 46 anos, também não tem filhos.

Isso não a impede de ser extremamente feminina. Muitos dos que, há uma semana, a viram na TV, entrevistada por Maria Elisa, colheram, talvez, a ideia de uma mulher maternal, mas decerto não «maternalista». No trabalho, gosta de delegar, mas não deixa nunca de fazer aquilo que os outros não podem fazer por ela. Aliás, era proverbial o cuidado com que estudava todos os «dossiers» preparados para cada reunião dos Conselhos de Ministros em que participou, nos Executivos provisórios, após o 25 de Abril.

Diz-me S.: «Se procurássemos uma definição da Maria de Lurdes, talvez pudéssemos concluir que ela é, sobretudo, uma pessoa com uma grande pureza de intenção, sem quaisquer manhas...».

Poderemos dizer o mesmo dos que a atacam?